

Em busca de honrar o compromisso de consolidar cada vez mais esta publicação na área de gênero e tecnologia, *CGT* traz, nesta edição, novos artigos, além da seção recentemente iniciada "Entre Vistas e Olhares".

Fanny Tabak é a autora do primeiro artigo, intitulado "*Apesar dos avanços – Obstáculos ainda persistem*". Pioneira nos estudos do feminismo, da mulher e de gênero no Brasil, além de pesquisadora e escritora de renome nacional e internacional, Fanny abrilhanta os *CGT* ao expor avanços significativos das mulheres conquistados a partir de sua mais ampla inserção (o que lhe dá maior visibilidade) em algumas áreas da ciência e da tecnologia, nos redutos da universidade e do mercado de trabalho, no Brasil das décadas de 80 e 90. A autora destaca, nesse cenário, o contexto das redes dos CEFETs (Centros Federais de Educação Tecnológica) com sua oferta de diversos cursos técnicos, como fator que contribuiu para um maior número de meninas obterem uma profissão. Contribuíram, também, ações do movimento feminista e iniciativas da ONU, da UNESCO e da SPBC, dentre outros organismos governamentais, a exemplo da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), do CNPq e da CAPES, além de centros de excelência em pesquisa, como a Fiocruz e, ainda, instituições latino-ibero-americanas.

No entanto, apesar dos avanços obtidos pelas mulheres a partir dessa conjuntura, integrada com o apoio da implementação contínua de políticas públicas, Fanny ressalta que ainda persistem obstáculos a superar, explicitados por diferentes formas de discriminações e preconceitos na sociedade brasileira, a exemplo da baixa representatividade das mulheres em postos superiores nas hierarquias de universidades, centros e laboratórios de pesquisa, e do mundo do trabalho. A pesquisadora pontua diversos fatores que colaboram para a continuidade deste cenário, como a tradicional situação da alegada incompatibilidade do dueto "família-profissão" seguir em simultaneidade e da habitual orientação recebida pelas/os jovens, dada por familiares, profissionais da educação, e sociedade em geral, que direcionam meninas para as Ciências Humanas e meninos para as Exatas. Fanny explicita uma série de sugestões visando a mudar este cenário, como estabelecimento e continuidade de políticas públicas e ações afirmativas que incentivem um número maior de meninas a adentrarem a área das Ciências Exatas.

O segundo artigo tem o título "*A construção da "Nova Biologia": relações de gênero nos laboratórios do Projeto Genoma da Fapesp*". Suas autoras são Neide Mayumi Osada e Maria Conceição da Costa. Neide é doutoranda do programa de pós-graduação do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências (IGE), da Unicamp; e Maria Conceição é professora no IGE e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – *Pagu*. As autoras analisam as relações de gênero e ciência, e a participação de mulheres na produção do conhecimento realizado nos laboratórios e institutos de pesquisa que participam do Projeto Genoma, financiado pela Fapesp. Os resultados obtidos colaboraram para o entendimento das possíveis barreiras que resultam em desigualdades de gênero nas ciências, com o contínuo privilegiamento dos homens, visto que evidenciam a divisão sexual nas funções exercidas nos contextos pesquisados. Por exemplo, com as mulheres atuando no processo de seqüenciamento e montagem do genoma (biologia celular e molecular e respectivos laboratórios que sugerem ambientes mais femininos, inclusive com metáforas como "receita de bolo" e "ritual do chá" para preparação dos protocolos de todas as etapas – tarefas repetitivas e monótonas) e os homens na análise do material (bioinformática e laboratórios com computadores – atividades voltadas ao raciocínio e pensamento abstrato). Ainda, as autoras informam que os resultados do Projeto Genoma têm provocado mudanças consideráveis na novíssima

área da Biologia Molecular no Brasil, país que se projeta, nessa área do conhecimento, no cenário internacional, além do tradicional trio EUA-Europa-Japão. Apesar dessa projeção brasileira, as autoras pontuam que as mulheres não têm sido "porta-vozes" desta nova ciência, porque ocupam papéis secundários no projeto, por diversos motivos, dentre eles, novamente aqueles recorrentes que incompatibilizam vida familiar e carreira acadêmica.

Os dois artigos trazem à tona reflexões sobre gênero e tecnologia, e focam a parcial visibilidade das mulheres na produção do conhecimento. Informam que há, sim, conquistas, no sentido da equidade e igualdade de gênero. Porém, informam, também, que ainda há obstáculos a serem superados. Ambos os artigos evidenciam a situação do "teto de vidro", visto que as mulheres nos contextos pesquisados não chegam a exercer funções e a ocupar cargos nos primeiros escalões das instituições, centros e laboratórios de pesquisa, resultando em situações em que elas não são nem visíveis e nem porta-vozes da produção dos conhecimentos científicos e tecnológicos, o que caracteriza o "efeito Matilda".

Além destes dois artigos, e dando prosseguimento à nova seção iniciada no número anterior, "Entre Vistas e Olhares", estamos publicando a entrevista com a pesquisadora e autora Cláudia Maria Ribeiro, prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Ao falar sobre suas trajetórias pessoal e profissional, Cláudia Ribeiro reforça seus conhecimentos teórico-metodológicos adquiridos a partir de suas vivências e seus olhares na área da Educação, com foco prioritário no desenvolvimento infantil e da adolescência, direcionado às questões de gênero e da expressão da diversidade das sexualidades humanas. Portanto, nessas vivências e olhares de Cláudia, está presente a dimensão vivida de gênero, explicitada em seu pensar e agir, de tal modo imbricados, ambos, que naturalmente sugerem e remetem a contínuas reflexões tanto no amplo campo de "Gênero", quanto no da "Educação".

Às/aos leitoras/es dos *CGT* apresentamos, portanto, a presente edição.  
Boa leitura.

Cristina Tavares da Costa Rocha  
Primavera de 2007.